

1. Introdução

Meu interesse pela área de tradução poética originou-se no curso Tradução de Poesia, ministrado pelo professor Paulo Britto no primeiro semestre de 2011. Ao cursar essa disciplina, conheci diversas visões sobre tradução poética. Notei que tal tipo de tradução literária é extremamente complexo, pois, de acordo com Britto,

Temos consciência de que o texto poético trabalha com a linguagem em todos os seus níveis – semânticos, sintáticos, fonéticos, rítmicos, entre outros. Idealmente, o poema deve articular todos esses níveis, ou pelo menos vários deles, no sentido de chegar a um determinado conjunto harmônico de efeitos poéticos. (Britto, 2002, p.54)

Devido a essas características da poesia, muitos autores acreditam que a tradução poética é impossível:

Um poema lírico é um ser vivo, de uma vida furtiva que reside no arranjo das palavras; não se transporta essa vida para um corpo estranho. Eu lia uma tradução russa muito exata e aceitável das *Noites* de Musset, e ela me dava o mesmo prazer que pode produzir o cadáver de uma bela criatura. A Alma tinha desertado, o aroma que constitui todo o valor dessas sílabas evaporara-se. (Vogüé *apud* Laranjeira, 1993, p. 25)

Acerca dessa visão, Laranjeira argumenta que

Os partidários da intradutibilidade da poesia apoiam-se numa ideologia de base dualista que opõe conteúdo e forma, autor e tradutor, proclamam a superioridade do texto original frente à tradução, atribuindo ao primeiro singularidade, imperfectibilidade e perenidade, enquanto à segunda reservam a pluralidade, a perfectibilidade e a caducidade. Assim, a tradução destruiria a própria natureza do poema original, as manifestações básicas da sua essência, sendo, portanto, impossível. (*Ibidem*, p. 24)

Discordo dessa ideologia dualista, que considera o original superior à tradução, pois esta não seria capaz de conservar a “essência” daquele. Acredito que não podemos ver

[...] o conteúdo como elemento traduzível e a forma – esse adorno que poetizaria o fundo – como intraduzível. Toda a operação de tradução poética supõe uma visão dialética do texto que só reconhece as oposições na medida em que se integram numa unidade, numa totalização essencial. É um trabalho na cadeia dos significantes enquanto geradora de sentidos. É esse processo de geração de sentidos existente no texto de partida, a sua significância, que é trabalhado no ato tradutório de maneira a obter-se na língua-cultura de chegada, não o mesmo fundo vestido de uma mesma forma, mas uma interação semelhante de significantes capaz de gerar semelhantemente a significância do poema. (*Ibidem*, p. 29)

Desse modo, o tradutor será capaz de gerar “um poema [...] homólogo (embora não idêntico)” (*Ibidem*, p. 147) ao original. Em relação a isso, podemos citar um comentário de Barroso acerca de suas traduções de Rimbaud:

Eu queria fazer todos os poemas como se fosse – é uma pretensão, naturalmente – como se fosse o Rimbaud escrevendo em português. E se – eu digo aqui – se eu obtive 10% desse resultado, ou seja, se 10% disso aqui seria o que o Rimbaud escreveria em português, eu estou mais que satisfeito com o resultado. (Barroso, 1995, p. 30)

Barroso reconhece as dificuldades envolvidas na tradução de poesia, e tem consciência de que seu projeto de tradução merece muitos créditos.

Sobre as dificuldades da tradução poética, que costumam ser usadas como argumentos contra essa prática, podemos dizer que elas

[...] podem ocorrer também em outros tipos de tradução. É o caso, por exemplo, dos trocadilhos, dos palíndromos que não podem ser traduzidos *stricto sensu*. Cabe ao tradutor usar o seu domínio dos instrumentos linguísticos e a sua criatividade para superar tais impasses. (Laranjeira, 1993, p. 42-43)

Não concordo com a noção de superioridade do autor de poemas em relação ao tradutor de poesia. Segundo essa concepção,

[...] o tradutor de poesia experimenta cruelmente a distância que separa essa imediata realidade sensível – o poema – do domínio que sobre ela pode exercer pela intermediação de alguns signos reunidos. [...] Seja qual for a língua em que opera, a sua empresa será sempre a segunda [...]. (Estéban *apud* Laranjeira, 1993, p. 34)

Acredito que

[...] o tradutor está em pé de igualdade com o autor enquanto produtor de texto, realizador de poema na língua-cultura de chegada. É evidente que a operação tradutória tem as suas especificidades se comparada à criação original [...]; mas tais especificidades do traduzir não caracterizam o seu sujeito como um sujeito segundo e portanto secundário, inferior. O bom tradutor é o que produz um bom texto, um bom poema, autônomo, como objeto que, uma vez criado, passa a valer e a viver por si mesmo na relação que gera com seu leitor. (*Ibidem*, p. 38).

O tradutor de poesia não deve pensar que essa posição de igualdade está na produção de um poema perfeitamente equivalente ao original, pois isso seria impossível; essa meta tornaria o poema intraduzível. Essa igualdade está na tentativa, tanto do autor quanto do tradutor, de criarem bons poemas, pois “Cada um dos poemas-tradução pode ser tão bom ou tão mau quanto qualquer outra produção do mesmo sujeito. Cada tradução é tão única quanto o poema original” (*Ibidem*, p. 39).

Também creio que “[...] não só o poema pode ser traduzido, mas pode instaurar um ‘texto’ na língua-cultura de chegada, tão válido como qualquer outro texto produzido nessa mesma língua-cultura” (*Ibidem*, p. 146). Concordo também com o seguinte argumento de Lefevere sobre tradução literária:

Uma das funções mais óbvias da tradução [...] é a de enriquecer tanto a língua quanto a literatura de chegada. A língua se beneficia por meio da absorção de palavras e traduções emprestadas, de neologismos modelados de acordo com as palavras da língua de saída, novas metáforas, e novos padrões sintáticos [...] A literatura de chegada se beneficia por meio da absorção de novos recursos estilísticos [...] mas, acima de tudo, por meio da absorção de novas interpretações sobre um tema.¹ (Lefevere, 1975, p. 105)

Além de considerar possível a tradução poética, acredito que o poema traduzido possa enriquecer a língua, cultura e literatura de chegada.

A presente dissertação foi motivada pelo meu interesse pessoal em estudar as traduções poéticas feitas por Fernando Pessoa, devido à grande importância desse escritor para a literatura de língua portuguesa, e ao seu notável trabalho como tradutor. O objetivo desta dissertação é verificar que tipo de tradutor, do inglês para o português, foi Pessoa. Para isso, leio o livro *Fernando Pessoa: poeta-tradutor de poetas*, de Arnaldo Saraiva, analiso as técnicas empregadas por Pessoa em três traduções poéticas do inglês para o português e verifico quais foram suas prioridades: tentar reproduzir e ser fiel à forma ou ao sentido dos poemas, ou a ambos.

Interessou-me também algumas questões da área de tradução poética, como, por exemplo, de que forma devemos analisar tais traduções. Britto acredita não somente na possibilidade de traduzirmos poemas, como também em análises minimamente objetivas das traduções poéticas. A partir disso, o escritor desenvolve uma metodologia para a análise de tradução poética, que consiste em verificar se o tradutor foi capaz de

- (i) identificar as características poeticamente significativas do texto poético;
- (ii) atribuir uma prioridade a cada característica, dependendo da maior ou menor contribuição por ela dada ao efeito estético total do poema; e

¹ One of the most obvious functions of translation [...] is that of enriching both the target language and the literature written in it. The language benefits through the absorption of loan-words, loan-translations, neologisms modeled after words in the source language, new metaphors, and new syntactic patterns [...] The literature written in the target language benefits through the absorption of new stylistic devices [...] but most of all through the absorption of new interpretations of a certain theme. (A tradução da citação foi feita pela autora desta dissertação)

- (iii) recriar as características tidas como as mais significativas das que podem efetivamente ser recriadas — ou seja, tentar encontrar correspondências para elas. (Britto, 2006c, p. 4)

Para a análise das técnicas empregadas por Pessoa em suas traduções, adoto a metodologia de Britto. Os estudos de caso consistem em três traduções de Pessoa e seus originais: “Catarina to Camoens” de Elizabeth Barrett Browning, “To a skylark” de Percy Bysshe Shelley e “The last metamorphosis of Mephistopheles” de Frank Marzials. Acerca desse último poeta, acrescento algumas informações:

Marzials (François-Thomas, ou: Frank Thomas), francês, nasceu em Lille em 1840 e faleceu em 1912. Filho de um pastor metodista e de mãe inglesa, irmão do poeta Theo Marzials (modesto, mas mais citado do que ele pelos dicionários, enciclopédias e histórias da literatura), foi viver para Inglaterra em 1854. Contabilista ao serviço do exército, foi biógrafo de vários escritores (Dickens, 1887, Victor Hugo, 1888, Thackeray, 1891), foi tradutor para inglês de crônicas francesas (*Chronicles of the Crusades*, 1908, *The Episodes of Valtek*, s/d) e deixou o livro de poemas *Death's Disguises and Other Sonnets*, 1889. (Saraiva, 1999, p. 237)

Os poemas que compõem os estudos de caso encontram-se em Saraiva (1999)². A fim de analisar esses estudos de caso, estabeleço os seguintes níveis como os mais importantes dos poemas originais: métrico, rítmico, rimático, semântico e variados recursos estilísticos, tais como aliterações, assonâncias, anáforas e rimas internas. De acordo com a metodologia adotada, verifico se Pessoa foi capaz de encontrar correspondências para os variados elementos desses níveis e recursos. A fim de realizar essa análise, também utilizo a terminologia de Abrams *et al.* (1974), Fraser (1977), Hollander (1989) e Fussell (1979) para os poemas em inglês; e de Chociay (1974), Mattoso (2010) e Proença (1955) para as traduções. A seguir, encontramos algumas informações sobre os nomes de alguns pés que observamos na versificação em língua inglesa:

- / = jambo - - = pirríquio - - / = anapesto

/ - = troqueu / / = espondeu / - - = dáctilo

² Saraiva (1999) apresenta diversas traduções pessoanas; as mais numerosas são as do inglês para o português. A maioria das traduções poéticas de Pessoa que se encontram nesse livro vem acompanhada de seus respectivos originais. Há, nesta dissertação, um apêndice com os nomes dos autores, o título do poema original e o título do poema traduzido (do inglês para o português) que podemos encontrar nesse livro.

O presente estudo também levanta a questão da *fidelidade*, que acredito estar diretamente ligada à *correspondência* e à *perda*:

[...] quanto maior a correspondência entre um elemento do original e sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda. Definimos esses conceitos a partir de uma visão de níveis de correspondência: quanto maior a correspondência ponto a ponto entre os componentes de um dado elemento do original e os componentes de sua contraparte na tradução, menor terá sido a perda. (Britto, 2002, p. 65-66)

Utilizando a metodologia de Britto e levando em conta as visões aqui expostas, analiso “Catarina a Camões”, “A uma cotovia” e “A última metamorfose de Mefistófeles” comparando-as com seus respectivos originais. A partir dessa análise detalhada, e da leitura de Saraiva (1999), faço minhas considerações finais de acordo com o objetivo do presente estudo.